

LAZER, ORGIASMO E TRAGICIDADE

Andréa Lúcia Vasconcellos de Aguiar¹
Departamento de Ciências Sociais – UFRN
Tecnologia em Lazer e Qualidade de Vida - IFRN
E-mail: lazer_arte@yahoo.com.br

RESUMO

A partir de estudo bibliográfico da obra de Michel Maffesoli, sociólogo francês, contemporâneo, tendo como eixo norteador a noção de “orgiasmo social”, desenvolvida por Maffesoli (2005a), que, em nosso entender, é em grande parte, a base de sustentação de seu pensamento, arriscaremos enunciar que o lazer carrega em si mesmo o desejo orgiástico e a imaginação criadora, para além das formas tradicionais do lazer instituído. Este pode ser vivido em muitos momentos, em diversas circunstâncias e não se concretiza somente nas atividades de lazer socialmente legitimadas ou mediadas por instâncias oficiais, sejam elas do poder público ou não.

Palavras chaves: Maffesoli, orgiasmo, lazer.

INICIANDO UM DIALOGO

Esta pesquisa bibliográfica tem a intenção de destacar, na obra filosófica e sociológica de Michel Maffesoli, categorias que possibilitem reflexões acerca da temática do lazer, levando a pensá-lo como um fenômeno comum à diversas épocas históricas e que se exprime, acontece, para além das suas práticas organizadas ou idealizadas por agências e instituições do Estado. Dentre as obras do autor, para efeito

¹ Este texto compõe um dos capítulos de minha TCC do Curso Superior de Tecnologia em Lazer e Qualidade de Vida –IFRN, intitulada “Lazer : reflexões a partir da Sociologia dos afetos, de Michel Maffesoli”, defendida no último dia 30 de junho de 2009. Para tal contei com grande auxílio do Prof. Dr. Alípio de Sousa Filho – UFRN, que também participou da Banca e da Prof^a. Dr^a. Maria Isabel Dantas – IFRN, que assinou a orientação. Desta forma esse trabalho agrega orientações e conhecimentos adquirido nas duas Instituições das quais sou graduanda.

deste estudo, selecionamos: Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas, (2001b); A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia, (2005a); A conquista do presente, (2001a); Elogio da Razão Sensível, (2005b); O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas, (2006). Em relação ao recorte de categorias da obra de Maffesoli, para desenvolvermos nossas reflexões acerca do lazer, optamos por trabalhar, mais detalhadamente, com a noção de “orgiasmo”(2005a), e “presenteísmo”(2001a). Não significando de modo algum que outros conceitos ou noções do autor deixem de aparecer na cena de nossa reflexão. A atualidade, na concepção do autor, está em processo de mudança e o trabalho e o progresso já não são mais os ditames que imperam nas sociedades ocidentais. As pessoas, principalmente no que concerne às grandes megalópoles, estariam mais propícias a viverem a realidade no tempo presente de modo mais hedonístico, festivo e afetivo, do que se “economizarem para o futuro” (2001a). Segundo a análise maffesoliana, há uma decadência da pura racionalidade e um crescimento de valores orgiásticos antigos e dentre estes, entendemos que o lazer esteja incluso.

MAFFESOLI , ORGIASMO E COMUNIDADE ORGÂNICA.

Maffesoli desenvolve uma sociologia do cotidiano, percebendo-o sob uma perspectiva holística. E, assim sendo, ele não pensa a sociedade como “uma simples justaposição de seres”, pois isso o levaria a considerá-la como “uma multiplicação das solidões e das pobrezaas”, uma vez que entende que os indivíduos são incompletos. A comunidade, para este autor, é uma entidade orgânica que se estrutura na ambivalência das trocas, meio de superar o limite social e natural. Essas trocas constituem-se no “comércio com o outro, com a alteridade”, via inaugural das sociedades. Desse modo, as comunidades, tendem a obedecer a tendências ou a estruturas antropológicas (leis estruturais ou arquétipos) que possivelmente são modeladas historicamente, “mas que permanecem invariantes para assegurar sua perduração” (MAFFESOLI 2001a, p. 65).

Nesse comércio (circulação de bens e seres), o autor pontua que há uma permanente tensão dinâmica entre dois pólos dominantes: o do social ou da sociedade e o do Estado ou do individualismo. No primeiro, dominam a interdependência, a subordinação e mesmo a sujeição e é o que possibilita a “efetivação do individuo na sua relação com o outro”. No segundo “que funciona apoiado no racional, baseado na igualdade e etc.” busca “limitar a interdependência e reduzir de fato o impacto social.” Maffesoli tem bastante claro que tais pólos são formas puras ou tipos ideais e, por isso, jamais atingidos. Mas chama a atenção para eles porque considera que a existência, seja em sua cristalização (conceitos) ou no trivial dia a dia, não é outra coisa, a não ser uma excursão na temática da limitação humana. E ter isso em mente permite, ao mesmo tempo ponderar sobre a grandeza e a tragicidade da vida em sociedade (MAFFESOLI, 2001a, p. 66).

Seguindo esta trilha de raciocínio, Maffesoli concebe o orgiasmo como uma das principais estruturas de toda socialidade², pertencendo, portanto, ao primeiro polo da tensão dinâmica. Um tipo de pulsão errante, movida por vínculos libidinais solidariedades e gozos, que elucidam a conservação e a manutenção da vida em sociedade. Por este conceito, Maffesoli procura evidenciar que, nos sujeitos aparentemente domados pela ordem, há uma assídua efervescência dionisíaca, que torna possível a perduração da sociedade. É uma força que impulsiona as pessoas a viverem, apesar de se saberem mortais e assujeitadas por coerções sociais. Segundo o autor, o orgiasmo é uma forma de afrontar a morte em suas diversas modulações. Está intimamente ligado aos afetos, aos amores, aos arroubos coisas que compõem a dimensão do humano e que são irredutíveis a qualquer tentativa de racionalização ou mensuração. Elas existem, se impõem e, quer se queira ou não, de forma mais clara ou mais obscura, são vividas no presente e não poupadas para o futuro (MAFFESOLI, 2005a).

Essa tensão dinâmica apresenta tempos diferentes. Em contraposição a um tempo histórico moderno, cujas características são o linearismo, a parúsia, o produtivismo e o tempo da razão, Maffesoli aponta a existência um outro tempo. O que preside o orgiasmo e que é “um tempo poético e erótico, um tempo do corpo amoroso, um tempo segundo, em torno do qual se organiza a perduração da “socialidade” que desenvolve uma sabedoria popular de sobrevivência expressa em situações, momentos cruciais. É também em torno desse tempo que se desenvolvem expressões múltiplas (politeístas) em face a processos monoteístas, sejam eles religiosos ou políticos. É um processo “de resistência, de “afrontamento do destino”, que Maffesoli denominou de “centralidade subterrânea” ou “orgiasmo social” (2005a, p. 37) .

Conforme o autor (2005a, p. 21), o termo orgia nos dicionários, exprime uma escala de sentimentos e paixões e remete ao mesmo tempo, “à cólera e á resistência, à efervescência e à doçura, à agitação e à superação de si mesmo”. No Aurélio dicionário brasileiro (FERREIRA, 1999), o verbete é definido por festim licencioso, bacanal, festa solene em honra de Dioniso ou Baco, na antiguidade greco-romana; bacanal; entretenimento, que, em geral, inclui companhia alegre, bebidas, etc.; farra, esbórnica; desordem, tumulto; anarquia, profusão; desperdício, divertimento, distração. Ora, se nos obtivermos de padrões moralistas, parece-nos razoável ligar a orgia a vivências do lazer, vivências que não almejam a produção de algo, mas sim o prazer que podem propiciar no momento em que estão sendo realizadas. E essas vivências ou efervescências são, de acordo com o pensamento maffesoliano, necessárias a toda e qualquer estruturação social, sendo um “efeito de domesticação de costumes” a tentativa de fazer com que o corpo social se esqueça disso (MAFFESOLI 2005a, p. 21).

2 Socialidade é um neologismo criado pelo autor para expressar a experiência do estar-junto que remete diretamente a idéia de solidariedade de base. Maffesoli percebe a necessidade de estabelecer esse termo para dissertar sobre as relações em sociedade, por considerar que o termo “social”, prosaicamente utilizado, é mais adequado para designar relações mecânicas entre os homens, para se referir a um ‘todo social’ ou ‘conjunto social’, remetendo “a simples associação racional”. Diametralmente ao termo socialidade, o autor trabalha com o vocábulo “societal”, que seria um sinônimo de ‘holismo’, que, por sua vez, nessa linha de pensamento, remete a “socialidade em ato” (MAFFESOLI, 2001a, p.152; 2005 a p.37).

Assim o mistério dionisíaco pode ser resumido como sendo o modo de “afrontar coletivamente, pela pluralidade dos afetos e dos corpos, o problema intransponível do limite.” (MAFFESOLI, p. 38). No pensamento maffesoliano o êxtase, a embriaguez, o *phatos*, a agitação do espírito, a excitação, a exaltação, a comoção, a perturbação, o movimento, o bulício, inquietação ou simplesmente o que a sociologia denomina de efervescência tem por função o apaziguamento da consciência do limite humano, do fato de se saber finito, um ser para a morte.

LAZER E ORGIASMO: algumas aproximações.

Dessa forma, (MAFFESOLI, 2005a, p.82) o orgiasmo, e nós diríamos o lazer³, é uma força vitalista, é um modo de afirmar a vida, gerindo a morte. A morte de todos os dias, a morte que se exprime no tempo que passa inexoravelmente, é driblada ou vivida por essa energia vitalista, seja no dispêndio sexual, no extenuamento que as bebidas alcoólicas proporcionam, na hospitalidade, nos encontros festivos, isto de modo mais paroxístico. Mas também há dispêndio em práticas orgiásticas ou vitalistas mais brandas, como a contemplação do mundo, a meditação (materialismo místico), na prática ou assistência de manifestações culturais artísticas etc. Compartilhando do pensamento de Durkheim (1858-1917), ligando-o a energia vitalista, Maffesoli observa que há uma

[...] força anônima e impessoal’ da qual os indivíduos participam, mas que os supera a todos. Essa ‘força’ sobrevive às gerações e aos indivíduos que se sucedem; ela é difusa nos seres e nas coisas, e de algum modo, constitui a ossatura do mundo (MAFFESOLI, 2005a, p. 82).

Com isso talvez possamos afirmar que se o lazer não é, isoladamente, a estrutura que sustenta o viver coletivo, ele faz parte dela. Assim o lazer pode ser pensado como práticas que acompanham a existência humana há bastante tempo, funcionando, quem sabe, como uma contraposição as mazelas de nossa existência. De certa forma, esse pensamento pode ser confirmado com as palavras de Maffesoli, para quem o ludismo, sendo contraponto do utilitarismo, “é o índice mais nítido do querer viver e da perduração da socialidade”. E ele segue afirmando que a ilusão e o simulacro são necessários à existência humana perante a condição eventual que vivenciamos e temos consciência (MAFFESOLI, 2005a, p. 30 e sg).

Para Maffesoli não é a produção que mantém o corpo social, mas exatamente o contrário: “a perda é que regenera, fecunda o corpo coletivo, a socialidade”. A centralidade subterrânea mantém os politeísmos sociais, isto é, os vários atributos do corpo social. É a idéia de politeísmo e coletivismo que está no cerne do

3 Com isso não entendemos que o orgiasmo se restrinja às vivências de lazer, mas que elas são uma de suas modulações. Confirmando nosso entendimento, o autor, em várias passagens, ao longo de sua obra, aponta como exemplos de manifestações orgiásticas atividades que entendemos estarem sob a égide do lazer (MAFFESOLI, 2004; 2005a; 2001b; 2001a e outros).

orgiasmo social. É a diferença e o grupo que possibilitam as condições de sobrevivência dos indivíduos (2005a, p. 37) “Cada um só existe no e pelo olhar do outro: seja o outro aquele da tribo que apresenta afinidade, seja a alteridade da natureza ou o grande Outro que é a deidade” (2005a, p. 24).

Tendo em mente a aproximação do orgiasmo com as vivências de lazer, não nos parece difícil associar a idéia de perda e coletivismo com este último. Essa atividade humana, em nosso entender, não almeja produzir nada, não faz parte da lógica produtivista. Muito pelo contrário, parece-nos que as práticas de lazer vivenciadas espontaneamente pelas pessoas almejam a improdutividade e a socialidade, e esses aspectos, como vimos, são comuns ao orgiasmo. Não há utilidade prática-produtiva nas efervescências da socialidade, como também conjecturamos não haver no lazer, a não ser quando ele é normalizado para tal, e, de certa forma, sob a perspectiva de quem o idealizou, como é o caso do seu uso em programas de políticas públicas que invariavelmente adotam a perspectiva de lazer-educação (MARCASSA, 2004), o que não quer dizer que ocorra. As pessoas para quem são dirigidas tais atividades talvez as vivenciem, talvez não. Nossas observações empíricas do lazer vivido cotidianamente pelos indivíduos não nos fazem crer que ele passe por normalizações. Parece-nos que, na maioria das vezes, revela transgressões, como o uso de drogas, o sexo fora dos padrões ou das normas estabelecidas, “pega” automobilísticos etc. Ou “pequenas nada”, que, como nos informa Maffesoli (2001a, p.87), dão concretude a existência, como “o aperitivo do final da tarde, os rituais do vestuário, os passeios da noite na praça pública, as conversas de bar e os rumores do mercado”, que inscritos em espacialidades concretas, “são fatores de socialidade”.

Quem sabe, as vivências do lazer possam ser percebidas como vetores para se fugir da mesmice, do tédio do cotidiano ou como um modo que possibilita o afrontamento de valores morais estabelecidos por poderes abstratos, mas estranhos à natureza humana⁴. O lazer, na maior parte das vezes, nos proporciona uma perda do sentido de realidade imposto por coerções sociais ou pela consciência de finitude, presente em todos os indivíduos, assim como o orgiasmo. E Maffesoli esclarece que “o tempo do trabalho, a dura vida da fábrica, a triste vida familiar, são como ‘pequenas mortes’ que é preciso bem ou mal, viver, e quando surge a ocasião de viver com truculência [orgiasticamente], ocorre uma explosão que não pode ser reprimida” (2001a, p.151). De tal modo, parece-nos possível pensar o lazer como uma “força vitalista ou orgiástica” irreprimível, que é vivida e gozada no momento em que acontece. Assim é uma perda trágica, pois o que se busca nessas práticas são gozos que se esgotam em sua vivência. E conforme Maffesoli (2001a, p. 147),

[...] de fato, o trágico pode se resumir pela consciência de que todas as situações, todas as atitudes se esgotam no próprio momento de sua efetivação. Nesse sentido, no trágico, [...] , esses atos não são modificados pelo espaço e pelo tempo, eles são vividos no seu próprio presente sem referência a um passado ou a um futuro.

4 Esclarecemos que por natureza humana entendemos, assim como Michel Maffesoli, que esta dimensão do humano é um construto social; logo tanto o autor citado, como nos, trabalhamos sob uma perspectiva “construcionista crítica” (Sousa, 2007, p.36 e 37), para a qual o conceito de natureza humana é inteiramente relativizado.

E inspirando-se em Lukacs (1885-1971), o autor segue afirmando que isso implica serem os acontecimentos trágicos destituídos de qualquer fundamento. Destarte nos parece viável pensar o lazer como uma aventura coletiva privada de qualquer fundamento prático produtivo e literalmente trágico. Em uma festa, por exemplo, buscamos a alegria daquele momento, nada de produtivo. Mas a alegria pode não acontecer, a festa pode ser um tédio. Assim toda festa é uma aventura. E é trágica também, porque a festa é festa enquanto dura, antes disso, é preparação da festa, muito embora este momento às vezes se concretize como uma festa e depois disso é lembrança dela.

Além disso, o pensamento maffesoliano nos induz a perceber o lazer como uma atividade coletiva e necessária à estruturação social, pois o autor (2005a, p.19) considera que

[...] uma cidade, um povo, um grupo mais ou menos restrito de indivíduos que não consegue expressar coletivamente sua imoderação, sua demência, seu imaginário, se desestrutura rapidamente [...] é necessário para que uma sociedade se reconheça enquanto tal, que ela possa pôr em jogo a desordem das paixões.

E as desordens da paixão, que podem se apresentar de modo mais paroxístico ou mais ameno, invariavelmente contam com o outro. Nos jogos, de qualquer tipo que seja -, amoroso, esportivo, de salão e outros -, sempre há parceiros: nos encontros festivos, muitas pessoas; na leitura de livros, inúmeros personagens e realidades; na música, seu autor e a música em si; nos prazeres mais íntimos, a evocação de um terceiro; na contemplação do mundo, o próprio mundo é o outro. Assim há a possibilidade de o lazer poder ser arrazoado como uma atividade eminentemente coletiva, uma perda de si no outro, como é o caso do orgasmo. Além disso, Maffesoli (2001a, p. 70), tendo o ludismo em mente, não o restringindo às vivências de lazer, mas considerando-o presente em varias situações da vida cotidiana, já que percebe a vida como sendo extremamente teatral, pontua que,

[...] da corrida de cavalos, da bocha aos diferente jogos esportivos (futebol, rúgbi, etc.), mas igualmente nos comentários públicos dos eventos ou fatos insólitos mais ou menos espetaculares, assim como nas conversar de salão sobre tal filme ou peça de teatro, *encontramos a comunhão de emoções ou de sensações que sem isso perderia, muito de sua intensidade [...]*O lúdico não é, portanto, uma diversão de uso privado, é fundamentalmente o efeito e a consequência de toda socialidade em ato. [grifo nosso].

Em relação ao politeísmo de valores que está no cerne do orgasmo social, parece-nos que ele também está nas vivências de lazer. Há opções de lazer para todos os gostos: das mais anódinas, como por exemplo, o sexo livre, o uso de drogas e bebidas alcoólicas, os “pegas” automobilísticos, as músicas ditas vulgares, que normalmente falam de desejos e praticas sexuais, o esporte radical e outras, às mais admitidas, como a participação em eventos de música clássica, teatro, atividades esportivas amenas etc. São opções que atendem a todos os gostos e valores, muito embora algumas delas sejam

alvo de crítica por parte de mentalidades conservadoras e virtuístas, em todos os tempos.

De acordo com Maffesoli, a diferença, a variedade, o “politeísmo de valores” (2005 (a); 2004; 2001; 2006) é o sustentáculo da vida em sociedade. E talvez fosse mais proveitoso para os estudiosos do lazer pensarem este fenômeno social tendo em mente a idéia de que a variação das coisas e a sua volubilidade, conferem intensidade à vida, logo ao lazer também. A diferença, no pensamento maffesoliano, é o que pode explicar o querer viver obstinado das pessoas, vitalidade encontrada em todas as sociedades, optando pela “existência tal como ela é, apesar de tudo”. O autor segue explicando que a vida, mesmo que soe paradoxal, pode ser pensada como uma derivação de oposto, mesmo que teorias descendentes de concepções dialéticas suponham que seja necessária a superação de contradições para atingir condições ideais de existência. Quiçá seja mais saudável, pontua o pensador, admitir as diferenças, a pluralidade de valores em todas as ações humana, do que querer negá-las ou ultrapassá-las. A vida só é possível dado a tensão, o conflito. Maffesoli sustenta que a vida vivida diariamente é parida e prenhe de contradições. Ela é originária do “plural vivo e vivido, nada devendo ao totalitarismo do Um” (MAFFESOLI, 2004, p.71e 72).

ALGUMAS PROVISÓRIAS CONSIDERAÇÕES

É impossível não perceber na realidade cotidiana a variedade de vivências de lazer, das mais saudáveis às mais perigosas. Isso porque o politeísmo de valores que caracteriza a pós-modernidade vem para o melhor e para o pior (MAFFESOLI, 2006). Não dá para desconfiar dos fatos: praticas sociais improdutivas, que visam atingir ao prazer e/ou ao desregramento, pululam no horizonte de diversos grupos humanos, à revelia de qualquer moral produtivista e progressista.

Talvez, então, epistemologicamente, seja mais viável pensar que não cabe aos teóricos do lazer ficar marcando passo identificando quais são os lazeres saudáveis, ideais ou alienantes. Talvez a polissemia e a paráfrase que se observam nos estudos do lazer - ócio, tempo livre, repouso remunerado, recreação, lúdico em vez de ocultar “**em um véu de aparências a problemática central para os estudos do lazer**, qual seja, a forma do trabalho no **modo capitalista de produção da existência**, e indicar que falta enfrentamento de sua problemática subjetiva: “**liberdade e necessidade na ordem capitalista**, impedindo uma análise crítica e radical na perspectiva de superação do modo de vida no capitalismo”, como crê a autora e outros teóricos da área”(PEIXOTO 2006, grifos da autora), indiquem que a necessidade de se buscar compreender que a enorme quantidade de vivências e possibilidades de lazer que insurgem na atualidade compõe o *ethos* de nosso tempo, período que apresenta uma revolta contra os valores monoteístas da modernidade (MAFFESOLI, 2006, 2005a). Tal compreensão pode viabilizar interpretações mais relativistas do lazer, portanto mais próximas dos diversos e múltiplos grupos humanos, que os vivenciam também de maneiras diversas e múltiplas, independentes de fatores econômicos e morais a ele associados.

Quem sabe, então, nossa tarefa como intelectuais da área seja a de compreender e descrever, sob perspectiva ampla, aberta e sensível, a lógica interna de tais vivências. Talvez já tenha passado a hora (mas nunca é tarde) de mudarmos nosso instrumental metodológico para analisar o fenômeno do lazer, e em vez da razão pura e

abstrata, seja interessante ter por base a razão sensível. Assim reafirmamos nosso posicionamento:

[...] aventamos com a possibilidade de uma outra perspectiva para a análise do fenômeno do lazer e conseqüentemente para o papel do profissional da área. Análises que levam em conta o fator econômico apontam aspectos importantes das relações das pessoas com o lazer. Mas o lazer também pode ser analisado, a exemplo da arte, com função em si mesmo. E sua eficácia pode ser detectada a partir do prazer que o encontro com o outro gera, as relações de socialidade. Isto pode ser apontado como o grande “trunfo” do lazer. Não é nosso intuito uma disputa ideológica, apenas entendemos que os movimentos racionalistas e os irracionais que embalam a história da humanidade não são detratores entre si, mas que ao longo da história humana se balizam para torná-la possível. Possível inclusive análises mais completas acerca da realidade social (AGUIAR, 2007).

Assim imaginamos que a sociologia compreensiva de Michel Maffesoli aponta com bastantes contribuições para ampliar os estudos na área de lazer. Dentre outras coisas pode nos levar a perceber que uma antiga efervescência atuando num reencatamento do mundo contemporâneo, via afetividade, festividade, errância, ludicidade, perda, estar junto a toa, características típicas do orgiasmo, retornam a cena social e têm lugar privilegiado de manifestação nas vivências de lazer.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Andréa Lúcia Vasconcellos de. Qual o papel do profissional de lazer? IN: II Jornada Nacional da Produção Científica em Educação Profissional e Tecnológica. São Luís/MA – 2007. Anais, comunicação oral. 1 CD-Rom.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI. Versão 3.0. Nova Fronteira e Lexikon Informática, 1999.

MAFFESOLI, Michel. A conquista do presente. Tradução: Alípio de Souza. Nova edição aumentada por uma introdução do autor e de um pós-fácio de Gilbert Durant. Natal-RN: Argos, 2001(a).

MAFFESOLI, Michel. A Parte do Diabo. Tradução Clovis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MAFFESOLI, Michel. A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia. Tradução: Rogério de Almeida. 2 ed. São Paulo: Zouk, 2005 (a)

MAFFESOLI, Michel. Elogio da Razão Sensível. Tradução: Albert Cristophe Migueis Stuckenbruck. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2005(b).

MAFFESOLI, Michel. O Mistério da Conjunção:ensaio sobre comunicação, corpo e sociedade. Tradução Juremir Machado da Silva.Porto Alegre:Sulina.2005(c).

MAFFESOLI, Michel. O tempo das Tribos: o declínio do Individualismo nas sociedades pós-modernas. Apresentação e revisão técnica: Luis Felipe Baeta Neves. Tradução: Maria de Lourdes Felipe Menezes. Tradução anexo e prefácio: Débora de Castro Barroso. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAFFESOLI, Michel. Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-moderna. Tradução Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001(b).

MARCASSA, Luciana. Lazer-Educação. In: GOMES, Cristianne Luce (Org.). Dicionário Crítico do Lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.